

**TEATRO DO ABSURDO MEXICANO: PANDORA Y EL RUISEÑOR (PANDORA E O ROUXINOL),
DE IGNACIO ARRIOLA HARO. TRADUÇÃO E LEITURA CÊNICA**

Bianca Roberta dos Santos¹

Ana Cláudia Romano Ribeiro²

Andreia dos Santos Menezes³

¹ Professora particular de língua espanhola. Bacharel em Letras, com habilitação em Português e Espanhol (EFLCH-UNIFESP), é graduada em nível técnico em Teatro e trabalha principalmente com ensino de línguas estrangeiras. E-mail: br.bianca.roberta@gmail.com. Orcid: 0000-0003-0680-0001.

² Professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), onde coordena a Monitoria de literaturas de expressão francesa e, com Ligia Fonseca Ferreira, o GELEF, Grupo de Estudos de Literaturas de Expressão Francesa. Desenvolve projetos nos campos da tradução, artes visuais, escrita e performance, alguns deles publicados em seu canal no youtube. Traduziu *Poteaux d'angles (Pilares de canto)*, aforismos de Henri Michaux (alguns trechos foram publicados na revista *escamandro*), *Le bleu de l'île (O azul da ilha)*, peça de teatro de Évelyne Trouillot (*Rónai*, v. 8, n. 2, 2020), juntamente com alunos seus, e contos de ficção científica de Ketty Steward, em parceria com orientandos (*Criação e Crítica*, 32, 2022 e *Alere*, no prelo), entre outras obras. No campo dos estudos utópicos, traduziu e organizou edições da *Utopia* de Thomas More (editora da UFPR, no prelo), de *La terre australe connue (A terra austral conhecida)*, de Gabriel de Foigny (Editora da Unicamp, 2011) e coeditou a revista *Morus – Utopia e Renascimento*. Ana Cláudia faz parte do grupo de teatro bilíngue *Die Deutschspieler* (na Universidade Estadual de Campinas) e do coletivo de poetas *Anáguas*, que publicou *Sol talvez seja uma palavra (7Letras, 2022)*. Em 2021 lançou *Ave, semente* (Editacuja), livro com desenhos e poemas, e desde novembro de 2021 publica semanalmente, no instagram e no facebook, as tirinhas *A vida de Deise*, criadas com sua esposa Deise Abreu Pacheco. E-mail: acrribeiro@unifesp.br. Orcid: 0000-0002-0923-3228.

³ Professora associada na área de Língua Espanhola e suas Literaturas do Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma instituição. Bacharel e licenciada em Letras, com habilitação em Português e Espanhol (FFLCH-USP). É doutora e mestre em Letras (Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana-FFLCH-USP) com período de bolsa sanduíche de doutorado (PDEE-Capes) na Temple University (Filadélfia-EUA). Realizou estágio de pós-doutorado (Fapesp) na LLILAS Benson - Latin American Studies and Collection - University of Texas (Austin-EUA). É líder do grupo de pesquisa CNPq "Análise de produtos culturais brasileiros e hispânicos: estudos discursivos e culturais" e membro do grupo "Comparação de séries discursivas entre o Brasil e a Argentina". É coordenadora do projeto de extensão "Charlas de Cineclub" e co-coordenadora do grupo de estudos "Conversando sobre feminismos". Trabalha principalmente com os seguintes temas: estudos contrastivos entre o português brasileiro e o espanhol; estudos culturais e discursivos comparativos entre o Brasil e a Argentina. E-mail: amenezes@unifesp.br. Orcid: 0000-0002-0713-2060.

367



RESUMO

Em 1964, o mexicano Ignacio Arriola Haro recebeu o Prêmio Jalisco em Letras pela peça *Pandora y el ruiseñor*, que segue a estética do Teatro do Absurdo. Apresenta-se aqui sua tradução para o português – *Pandora e o rouxinol* – realizada no âmbito de uma Atividade Programada de Pesquisa (APP) do curso de Letras, habilitação em espanhol, da Universidade Federal de São Paulo, sob orientação das professoras Ana Cláudia Romano Ribeiro e Andreia dos Santos Menezes. Para completar a tarefa tradutória, foi realizada uma leitura cênica que pode ser assistida no youtube.

PALAVRAS-CHAVE: Ignacio Arriola Haro; *Pandora y el ruiseñor*; *Pandora e o rouxinol*; Teatro do Absurdo, literatura mexicana.

ABSTRACT

In 1964, the Mexican playwright Ignacio Arriola Haro received the Jalisco Prize in Letters for his play *Pandora y el ruiseñor*, which follows the aesthetics of the Theatre of the Absurd. We present here his translation into Portuguese - *Pandora and the nightingale* - carried out as part of a Programmed Research Activity (PPA) of the Language and Literature course, major in Spanish, at the Federal University of São Paulo, under the supervision of professors Ana Cláudia Romano Ribeiro and Andreia dos Santos Menezes. To complete the translation task, a scenic reading was performed, which can be watched on youtube.

KEY WORDS: Ignacio Arriola Haro; *Pandora y el ruiseñor*; *Pandora e o rouxinol*; Theatre of the Absurd, Mexican literature.

Breve apresentação

Ignacio Arriola Haro nasceu no México, em Guadalajara, cidade do estado de Jalisco, no dia 26 de janeiro de 1930. Segundo Mercado (1998, p. 363), Haro começou a escrever quando tinha dezoito anos. Dele, foram publicados poemas e peças de teatro. Entre 1964 e 1965, ele viajou para Roma, Barcelona e Madri, onde estudou cinema, teatro e televisão em modo autodidata. Em 1964, Haro recebeu o Prêmio Jalisco em Letras pela peça *Pandora y el ruiseñor* (*Pandora e o rouxinol*), que traduzimos na Atividade Programada de Pesquisa



realizada no curso de Letras, habilitação em espanhol, da Universidade Federal de São Paulo, sob orientação das professoras Ana Cláudia Romano Ribeiro e Andreia dos Santos Menezes. Para completar a tarefa tradutória, foi realizada uma leitura cênica que pode ser assistida no youtube.⁴

Suas primeiras atividades no teatro e no cinema foram realizadas na Universidade Autônoma de Querétaro, onde foi nomeado diretor do Departamento Cultural em 1967. No ano de 1970, foi nomeado diretor do departamento de Atividades Estéticas da Universidade de Guadalajara. Além disso, em 1971 fundou a Companhia de Teatro, e em 1973, o Clube de Cinema, do qual foi diretor até o ano de 1989, ambos na Universidade de Guadalajara. Haro faleceu em 12 outubro de 1990, em sua cidade natal. Após sua morte, suas obras poéticas foram reunidas e publicadas em um volume chamado *Fuente Mortal*. Suas peças de teatro foram agrupadas e publicadas em diferentes edições.

A edição que serviu de base para a nossa tradução de *Pandora y el ruiseñor* foi publicada em 1998 no volume *Antología de Teatro*, publicado pelo *Fondo de Cultura Económica* e pela Universidade de Guadalajara. A peça tem um ato e faz parte do segundo capítulo do livro, *Teatro absurdistas*. Essa antologia reúne ao todo dezoito peças de teatro, divididas em cinco capítulos: *Obras metateatrales*, *Teatro absurdistas*, *Ejercicios dialógicos con intertextualidad*, *Monólogos del yo* e *Auto y antiauto*. Ela traz ainda uma introdução de José Ruiz Mercado e uma nota biográfica.

Para Mercado (1998, p. 364), algumas obras de Haro, como as que se filiam ao Teatro do Absurdo, não foram muito bem recebidas após terem sido publicadas, sendo, muitas vezes, rejeitadas. Isso teria ocorrido porque quando ele as publicou, havia outro movimento artístico em voga: o neorrealismo. Após analisar três peças do autor (*Pandora y el ruiseñor*, de 1965, *Onich Nórbac*, de 1973, e *Medea*, de 1988), Muños afirma que:

[...] o teatro de Arriola é o de um absurdo de generalidades (a morte, o destino, o tédio); suas obras são universais e indefinidas, o que faz de Arriola uma das exceções do absurdo latino-

⁴ A leitura cênica está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=i4l5o8k3lcQ>.



americano, que se baseia na abordagem de problemas sociais específicos. (MUÑOS, 1999, p. 47, tradução nossa)⁵

Segundo Gomes, o Teatro do Absurdo representa um mundo sufocado por perspectivas pessimistas que começam a fazer parte do dia a dia das pessoas logo depois da Segunda Guerra Mundial:

[...] Por toda a parte o vazio existencial, o nada – um Homem isolado, despido de valores e certezas, munido de uma linguagem cada vez mais artificial e falsa, uma vida sem objetivos, condenado a esperar pelo vazio eterno, enfim, uma realidade que desafiava todos os limites da razão, uma existência disparatada – o absurdo. Podemos dizer que o teatro do absurdo nasce assim de uma reflexão profunda sobre a realidade, sobre o homem, sobre a linguagem e da relação do teatro com todas estas variáveis. (GOMES, 2009, s. p.)

Esta estética teatral procurava romper com alguns padrões estipulados pelo naturalismo e pelo positivismo. O Teatro do Absurdo buscava

quebrar todos os limites entre o que é teatro, o que é realidade, e como estas realidades se confundem, contaminam e refletem mutuamente. Numa senda de chegar ao essencial e de esticar todos os limites do próprio conceito de teatro, temos [...] peças [...] que desafiam o próprio conceito de peça e de teatro. [...] Para além de proceder a uma crítica à realidade exterior ao próprio teatro, este também vai proceder a um mecanismo de autoreflexividade, já que, [...] as propostas teatrais anteriores e contemporâneas ao conflito mundial [...] também faliram e tinham de ser reavaliadas. (GOMES, 2009, s. p.)

Em *Pandora y el ruiseñor* há ausência de tempo e espaço, intrigas que não se concretizam, inércia das personagens, que muitas vezes são desprovidas de sentido e donas de vidas miseráveis. Segundo Frías (2009), as obras teatrais de Haro são farsas estilizadas.

Muños (1999, p. 47) afirmou que algumas obras de Haro (isso inclui *Pandora y el ruiseñor*) representavam o que ele chamou de “absurdo de generalidades”, tematizando a morte, o tédio e o destino, e não a críticas sociais, como se fazia, de acordo com o autor, no

⁵ Trecho original: *el teatro de Arriola es el de un absurdista de las generalidades (la muerte, el destino, el aburrimiento); sus obras se universalizan y se indefinen, lo que convierte a Arriola en una de las excepciones del absurdo latinoamericano, que se funda en el plantamiento de problemáticas sociales específicas.* (MUÑOS, 1999, p. 47).



teatro do absurdo latino-americano de forma geral e no teatro neorrealista. Sobre este último, Muños detalha:

Ao fazer uma breve recapitulação do teatro mexicano da última metade do nosso século, identificamos principalmente o movimento liderado por Usigli e Novo, que provocaram em seus alunos (Magaña, Carballido e Magdaleno) a corrente chamada neorrealismo, a qual se inclina para a formação de um teatro crítico. (MUÑOS, 1999, p. 47, tradução nossa)⁶

Por outro lado, Gomes (2009) aponta que o Teatro do Absurdo poderia propor ou uma crítica ou uma reflexão a respeito das atitudes do homem, instigando o público a adotar um pensamento crítico e reflexivo:

Outra das questões levantadas acerca do teatro do absurdo passa pela existência, ou não, de uma função, de um intuito, para além de uma mera constatação do vazio existencial, no qual o homem está fatalmente perdido. [...] Contudo, se este teatro se interroga constantemente sobre a existência e destino humanos, este não influenciará naturalmente comportamentos e atitudes do homem? [...] o espectador é levado a distanciar-se de uma (ir)realidade proposta, que aparentemente nada se assemelha com a sua própria (ir)realidade. Assim, e não obedecendo a mecanismos de identificação com as personagens, o espectador mais facilmente abre caminho à crítica e reflexão. (GOMES, 2009)

Pandora y el ruiseñor é um diálogo entre O Homem e A Mulher Múltipla, sem desenvolvimento lógico previsível. Essa personagem feminina é a esposa, a mãe, a traidora, a secretária, a máquina etc. Esse Homem e essa Mulher parecem assombrar-se incessantemente.

Vega (2015) afirma que *Pandora y el ruiseñor* é um dos textos mais populares de Haro e, ao mesmo tempo, um dos que mais desafia a paciência e o gosto do público. Segundo Muñoz (1999, p. 47), essa obra rompe com elementos conflitantes, fisicamente e linguisticamente, e esse conjunto de histórias acaba entrando em um ciclo infinito de não comunicação, o que causa no espectador uma sensação de estranhamento que é, como vimos anteriormente, comum ao Teatro do Absurdo.

⁶ Trecho original: [...] *Al hacer una breve recapitulación del teatro mexicano de la última mitad de nuestro siglo, se identifica principalmente el movimiento encabezado por Usigli y Novo, quienes provocaron en sus alumnos (Magaña, Carballido y Magdaleno) la corriente llamada neorrealismo, la cual se inclina por la formación de un teatro crítico.* (MUÑOS, 1999, p. 4)



Passemos então à tradução.



Pandora e o rouxinol

PERSONAGENS:

O Homem

A Mulher Múltipla

ATO ÚNICO

O cenário estará vazio, com exceção de uma pequena mesa e duas cadeiras. Uma delas será de balanço. Quando a cortina subir, um homem estará dormindo na cadeira de balanço. A mulher entra e olha para ele.

MULHER – Sempre dormindo. É a única coisa que você sabe fazer. Algumas vezes finge estar acordado. Que ingenuidade! *(Se aproxima dele.)* Você não acha que vai ter que acordar em algum momento?

HOMEM – *(Dormindo.)* Não gosto que você invada meus sonhos, já te disse milhares de vezes.

MULHER – Você não pode me impedir.

HOMEM – Se eu acordar te jogo para fora com um pontapé.

MULHER – *(Vai para trás da cadeira.)* Seu sonho é um rosto onde a irrealidade desliza lentamente.

HOMEM – Sua palavra é um punhal que fere as imagens. O que você quer?

MULHER – Acorda! *(Pausa.)* Acorda! Como é que você pode dormir quando os inimigos



estão para chegar?

HOMEM – (*Acordando.*) Ah, é você! Eu dormia tão profundamente que não estava escutando o canto dos pássaros e nem os latidos dos cachorros.

MULHER – O rouxinol não canta, arrebentou a corda. Oh, que desgraça!

HOMEM – Um rouxinol cantava e um cachorro latia! Você me acordou! Você tem noção disso?

MULHER – Não pode ser, você ainda está dormindo!

HOMEM – (*Levanta-se.*) Quer levar um tapa? (*Sacode a mulher.*) Seu sonambulismo me desespera; você não sabe fazer outra coisa que não seja me atormentar com seus pesadelos. (*Chora.*)

MULHER – (*Vai para o fundo.*) Olha que paisagem linda!

HOMEM – (*Sem a sensação de ter chorado.*) Já sabia, meu amor, que esse seria o melhor lugar para a nossa lua de mel. Aqui estamos sozinhos.

MULHER – (*Abraça-o.*) Sou tão feliz! (*Dançam.*)

HOMEM – (*Para de dançar.*) Você pisou em mim!

MULHER – Foi você que pisou em mim, você dança muito mal. (*Ele se afasta. Ela se senta.*)

HOMEM – É a senhorita a nova secretária?

MULHER – Sim, o senhor é o chefe?



HOMEM – Senhorita, meu nome é Claude.

MULHER – (*Entusiasmada.*) Ah, o senhor é francês?

HOMEM – Não, meu nome é Francesco, mas minha mulher acha vulgar.

MULHER – E como se chama a sua esposa?

HOMEM – Pandora!

MULHER – (*Gargalha.*) Oh, como o senhor é simpático! Vai ser divertido trabalhar ao seu lado. (*Ele sai, ela levanta e avança.*)

HOMEM – Você não tem direito de se meter nos assuntos relacionados ao meu trabalho. Você me deixou sem secretária.

MULHER – Busque por uma que preencha os requisitos.

HOMEM – Ninguém preenche os requisitos. Se você soubesse como é difícil encontrar alguma coisa.

MULHER – Oh, olha essa paisagem!

HOMEM – Amor, eu sabia que você era o que eu estava procurando, o que eu precisava. Me sinto como Cristóvão Colombo descobrindo o novo mundo. Você é a América!

MULHER – Oh, meu almirante! (*O homem se senta.*)

HOMEM – Terra abençoada! Terra procurada no sonho, na palavra devastada, nos olhos do ar! (*Fecha os olhos.*)



MULHER – Acorda, Almirante!

HOMEM – (*Zangado.*) Já te proibi de me acordar enquanto eu sonho! (*Com rancor.*) O que você quer?

MULHER – A polícia veio te buscar.

HOMEM – ... Juro que sou inocente!

MULHER – No mundo não existem inocentes. Sabe de uma coisa? Você me dá nojo.

HOMEM – Não fui eu!

MULHER – Foi você!

HOMEM – Eu juro! Eu juro! Eu não matei ela não. Ela se suicidou. Ela falava o dia todo, a noite toda; não me deixava dormir, me tiranizava. Eu desejei matá-la, é verdade, e se ela mesma não tivesse se matado, eu teria feito isso, juro; juro que a teria matado, mas não matei.

MULHER – Ela te acusou. E testemunhará contra você. O que você pode provar? Ela estará presente.

HOMEM – Não a matei. Eu vou dizer isso.

MULHER – A polícia estará do seu lado e do lado dela.

HOMBRE – Esse é o problema! E você?

MULHER – Eu estarei do seu lado se você...

HOMEM – (*Suplicante.*) Sim, diga, tudo o que você quiser.



MULHER – Mate-se!

HOMEM – Não posso fazer isso duas vezes.

MULHER – Se você for valente, tente fazer de novo.

HOMEM – Aconteceu uma desgraça terrível com meu amigo quando ele fez isso pela segunda vez.

MULHER – Não estou nem aí.

HOMEM – Ele morreu de verdade! Matou a morte! (*Pausa.*)

MULHER – (*Com assombro.*) Oh, eu quero conhecê-lo!

HOMEM – Você não vai conhecê-lo.

MULHER – Quero conhecê-lo! (*Fica de joelhos.*) Te imploro! Me apresente a ele!

HOMEM – Com uma condição.

MULHER – Sim, diga! Juro que a cumprirei.

HOMEM – (*Se levanta.*) Que você se apaixone por ele!

MULHER – Ah, isso será muito fácil! Você me conhece...

HOMEM – Muito bem, sou eu! Eu sou meu melhor amigo. Minha amizade eu não troco por nada!

MULHER – (*Abraça-o.*) Oh, que prazer! Meu esposo tinha me falado de você; eu morria de vontade de te conhecer. Era um absurdo não conhecer o melhor amigo do meu esposo. Isso é como ignorar a si mesma.



HOMEM – Seu marido é uma idiota: quero que você seja minha amante. Vou te contar um segredo: nunca o suportei, ele me desagradou profundamente, é um covarde que só inspira desprezo.

MULHER – É um intelectual!

HOMEM – O intelecto dele só serve para ele fugir.

MULHER – É um sonhador!

HOMEM – Só sonha com a morte, mas é incapaz de abraçá-la. A ideia da morte é o vício solitário: é uma criação imaginária e agradável. (*A mulher se senta, abatida.*)

MULHER – E eu que acreditava ser feliz!

HOMEM – Não quero que minha esposa fique sabendo.

MULHER – Não vou me apaixonar de novo. Prefiro dançar. (*Dança.*)

HOMEM – Quando você dança é um engano preso aos olhos, a irre realidade transformada em tato, metamorfose de espuma, uma vertigem que se assemelha às asas do sangue.

MULHER – Dançarei com seu desejo grudado em minhas coxas. Sabe de uma coisa? A lua não é virgem: milhares de olhares a violaram.

HOMEM – Você é a lua!

MULHER – A lua dança eternamente sozinha, não gosta de companhia, gosta da música celestial. (*Dança.*)

HOMEM – Adeus, lua! (*Arrebatado.*)



MULHER – Acorda!

HOMEM – Ah, não! (*Pausa pequena.*) Olha, meu amor, a paisagem tem braços, é nossa.

MULHER- (*Sombria.*) Sua mãe se nega a me olhar.

HOMEM – Tem ciúmes da lua.

MULHER – A nova secretária chegou.

HOMEM – É loira ou morena?

MULHER – É tudo! É elétrica! Mecânica! (*Se aproxima da cadeira.*)

HOMEM – Oh, o amor mecânico, elétrico, exato! Como a senhora se chama?

MULHER – (*Mecanicamente.*) Cir-cui-to-de-pre-ci-são.

HOMEM – (*Admirado.*) Que lindo nome! E como seus amigos a chamam?

MULHER – De várias maneiras.

HOMEM – E de qual a senhora mais gosta?

MULHER – Nenhuma! Todos os homens são muito estúpidos, mas o senhor é como eu. Pode me chamar de Circuito Quadrado. Sabe de uma coisa? Sou muito sentimental.

HOMEM – Ah, a senhora vai me ensinar o sentimento eletromecânico.

MULHER – Basta apenas apertar um botão, uma tecla; mas tenha cuidado para não se enganar, porque cada coisa tem o seu circuito.

HOMEM – Então a senhora acredita no amor?



MULHER – O amor é a soma de dois fatores; pode-se alcançá-lo pela multiplicação e também pela divisão e pela subtração.

HOMEM – Linda teoria.

MULHER – Vou demonstrar. Você desejaria me amar? Gostaria de chegar até mim?

HOMEM – (*Admirado.*) Sim, sim!

MULHER – Se eu sou o fator X e você é o fator Z, precisará de um sinal de mais para chegar até mim. Mas, se não consegue operar com um sinal de mais, então eu posso reduzir meu sinal em menos X para chegar até você. Assim como as paralelas podem se alcançar no infinito, nossos fatores também podem. Esse teorema é simples e composto, fácil e complicado, aberto e fechado. (*Pequena pausa.*) Tenho outras teclas.

HOMEM – Eu gostaria de beijá-la. Deixá-la nua.

MULHER – Quando se desmonta o mecanismo de uma máquina, não se tem a máquina. Peça-me outra coisa.

HOMEM – (*Pressionando a testa com um dedo.*) Quero música!

MULHER – Primeiro vem a teoria, depois a vida. Criamos a nova música, sem intérprete e sem instrumento; música científica, pura: voz de osciladores nos ouvidos magnéticos da fita. Criamos o amor sem necessidade do amor e a possessão sem necessidade do corpo humano. Cantarei para você. (*Canta com voz semelhante a um rumor confuso. Pode ser acompanhada com música eletrônica e efeitos sonoros.*) “Seu rosto é a onda perfeita dos satélites artificiais e a lua gira, como uma engrenagem, na caixa de câmbio do seu automóvel”. (*Aplaud.*)

HOMEM – O mundo sonha que sonha!



MULHER – Acorda!

HOMEM – Pedirei o divórcio por você me impedir de dormir.

MULHER – Não te darão.

HOMEM – É motivo de separação eclesiástica.

MULHER – (*Terna.*) Olha a paisagem!

HOMEM – (*Passando a mão pelo rosto.*) Estranho! Tenho a sensação de ter vivido isso, de ter estado aqui antes, de ter te conhecido e odiado.

MULHER – Aconteceu tudo. (*Pequena pausa.*) A polícia voltou.

HOMEM – O que querem agora?

MULHER – Nomear você como chefe.

HOMEM – (*Cruel.*) Ordenarei a sua prisão!

MULHER – Estou presa por ser sua esposa. Me disseram que é um delito se casar com uma sombra. (*Retrocede para o fundo.*)

HOMEM – Eu tinha esquecido disso, mas prometo que farei o possível para ajudar você. (*Pequena pausa.*) Mãe! Na próxima semana me caso!

MULHER – Faz três meses que você se casou pela oitava vez com a mesma mulher. Ainda não é o momento de fazer isso de novo, você precisa pensar. Por que você não conversa com ela depois de fazer amor? Eu, com seus três pais, só me casei vinte vezes em trinta e cinco anos, mas, pelo jeito que você anda, quer ser ultramoderno e dar o que falar para as pessoas que, como eu, foram educadas à moda antiga.



HOMEM – Você não quer que eu me case de novo porque tem ciúmes! Você sabe que ela fica imensamente feliz quando se casa e essa é sua única razão para se opor, mas não se esqueça que eu conheço o seu segredo.

MULHER – Eu não tenho nada para esconder. Você tem que me obedecer!

HOMEM – Conheço as suas mentiras. Quer que eu te desmascare? (*Cruel.*) Não tenho meus três pais como todos os homens, sou filho do seu desejo; você só desejava ser mãe e esse intenso desejo te engravidou. Essa é a sua vergonha! Sou filho bastardo da sua pureza! Não sou filho de homem, só tenho sangue de uma mulher, de uma descarada que tem ciúmes de todas as mulheres. Se for necessário, me casarei mil vezes com ela!

MULHER – (*Ri.*) Quanto mais você se casar, mais a perderá. (*Se aproxima.*)

HOMEM – (*Raiva.*) Ah! (*Pausa.*) Minha mãe te despreza. (*Abraça-a*)

MULHER – Ela vai ficar feliz com o nosso casamento.

HOMEM – (*Triste.*) Isso não vai ser possível... o padre fugiu do convento.

MULHER – O padre morreu, querido; um ônibus o atropelou.

HOMEM – Porém, eu o vi, eu falei com ele.

MULHER – É uma freira! Isso é profanação!

HOMEM – Irmã, só quero conversar com a senhora.

MULHER – (*Com atitude tímida e as mãos juntas.*) Não posso falar com desconhecidos!

HOMEM – Você tem conhecidos?



MULHER – Não, mas o amor de Deus pode nos fazer esperar que algum dia tenhamos algum; então poderemos falar. (*Pequena pausa.*) Perdão, em que idioma o senhor está falando comigo?

HOMEM – Metade em inglês, a outra metade em húngaro e a outra metade em persa.

MULHER – Lamento, mas eu falo em latim e hebraico e penso em finlandês. Não podemos conversar!

HOMEM – E se eu aprender latim, hebraico e finlandês?

MULHER – Eu vou esquecê-los por causa do grego e do português.

HOMEM – E se eu aprender todas as línguas do mundo? O desejo dá asas às palavras, convicção aos sentimentos, impudor aos sonhos.

MULHER – Se o senhor aprender todas as línguas, eu prometo que me tornarei muda e surda.

HOMEM – Puta! Puta! É isso! É isso e somente isso! (*Dá as costas para ela. Pausa.*)

MULHER – Querido, você esqueceu seu véu de noivo, fez um papelão.

HOMEM – Um recém-casado não deve ter problemas. O que aconteceu, aconteceu. Te prometo que da próxima vez não esqueço.

MULHER – A bailarina de ontem à noite prometeu me ajudar.

HOMEM – Não gosto de te ver disfarçada, eu te reconheci.

MULHER – Não é verdade, eu te surpreendi.



HOMEM – Isso é uma desculpa.

MULHER – O desejo em você é como um tambor nos olhos do silêncio.

HOMEM – Mentirosa! (*Se retira.*)

MULHER – Sua esposa não mente, senhor; o senhor me olha demais, sinto que suas pupilas me ferem.

HOMEM – Não chamei a senhora.

MULHER – O senhor me persegue, me oprime, quer me seduzir, me violenta em sua intimidade, sua luxúria transcende meu sonho.

HOMEM – (*Com raiva.*) A polícia quer que eu seja seu chefe! Com uma boa polícia todos os problemas podem ser solucionados. Posso matar, expulsar, torturar, ameaçar. Vou aceitar!

MULHER (*Irônica.*) Você já fez tudo, querido.

HOMEM – Você está espiando meus pensamentos? (*Pausa.*)

MULHER – Voltamos amanhã?

HOMEM – Sim, amor.

MULHER – Ah! Que viagem maravilhosa! Ao te encontrar, soube que seríamos muito felizes, que nós nos pertencíamos um ao outro. (*Abraça-o.*) Agora sei que não é um sonho que estejamos juntos. (*Se separam.*) Mas tenho medo! Eles te acusam de assassinato. É estranho, mas eu acreditei neles. Te acusam de ter me estrangulado. Me diga, é verdade?



HOMEM – Mentem!

MULHER – Por que mentiriam?

HOMEM – Porque não existe a verdade.

MULHER – Mesmo que não exista, pode-se dizê-la. Não é?

HOMEM – Mentem!

MULHER – Eu quero que você me diga, eu só quero que você me diga! Você matou a lua, a secretária, a bailarina, a freira, a mim, a mim?

HOMEM – Você não pode acreditar nisso.

MULHER – E você, acredita, acredita? (*Pausa muito rápida.*) Você as matou?

HOMEM – (*Angustiado.*) Matei todas! Todas! Sou um criminoso!

MULHER – Aonde você vai?

HOMEM – Vou buscar minha esposa.

MULHER – Sou eu! Me olha nos olhos!

HOMEM – Não, não, não!

MULHER – (*Se aproxima.*) O que está acontecendo com você?

HOMEM – Depois de amanhã é nosso casamento e eu não comprei as alianças.

MULHER – E se nos casássemos sem alianças? A aliança é um círculo vicioso.

HOMEM – O amor é um círculo vicioso que acaba entediando.



MULHER – Não usemos alianças!

HOMEM – E se prescindíssemos da noiva? Seria um casamento bem duradouro. Ah, sim, é isso! Vamos fazer um casamento sem noiva.

MULHER – Imaginei um imenso balé, sem público, em um imenso teatro vazio, cheio de luzes e vozes, mas sem público. Nós, bailarinas, estamos melhores sozinhas.
(*Dança.*)

HOMEM – Eu sou seu público!

MULHER – (*Para de dançar.*) Não te conheço. (*Volta a dançar.*)

HOMEM – Eu te amo.

MULHER – (*Para de dançar.*) Você não existe. (*Volta a dançar.*)

HOMEM – (*Grita.*) Eu te amo!

MULHER – (*Para de dançar.*) O que deseja?

HOMEM – Ser seu infinito esposo .

MULHER – Nos casaremos amanhã?

HOMEM – Amanhã não pode ser, nos casamos ontem e a lei não permite, só depois de uma semana. Pode me esperar?

MULHER – Como você se chama?

HOMEM – Claude.

MULHER – (*Com admiração.*) Ah, você é francês?



HOMEM – Meu nome é Francesco, mas minha mulher acha vulgar.

MULHER – Como se chama a sua esposa?

HOMEM – Pandora.

MULHER – (*Ri.*) Ah, como o senhor é simpático! Vai ser divertido trabalhar ao seu lado.

Referências

ARRIOLA Haro, Ignacio Igor. **Enciclopedia Histórica y Biográfica de la Universidad de Guadalajara**. Disponível em: <http://enciclopedia.udg.mx/biografias/arriola-haro-ignacio-igor>. Acesso em: 12 de out. de 2020.

HARO, Ignacio Arriola; MERCADO, José Ruiz. **Antología de teatro**. Primeira edição. Guadalajara, Jalisco, México: Tezontle Fondo de Cultura Económica Universidad de Guadalajara, 1998.

ARRIOLA HARO IGNACIO IGOR. **Jalisco Gobierno del Estado de Jalisco**. Disponível em: <https://www.jalisco.gob.mx/es/jalisco/jaliscienses/arriola-haro-ignacio-igor>. Acesso em: 12 de out. de 2020.

CARVALHO, Filipe. A definição de tragédia, farsa, auto, epopeia e comédia. **Ciber Dúvidas da Língua Portuguesa**, 2016. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-definicao-de-tragedia-farsa-auto-epopeia-e-comedia/33941>. Acesso em: 14 de out. de 2020.

CONSENTINO, Marcelo. O Teatro do Absurdo. **Estado da arte**, 2015. Disponível em: <http://oestadodaate.com.br/o-teatro-do-absurdo/>. Acesso em: 12 de out. de 2020.

DICIONÁRIO espanhol-português e buscador de traduções. **Linguee**. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/portugues-espanhol>. Acesso em: 31 ago. de 2020.

FRÍAS, Efraín Franco. Acercamiento a la dramaturgia jalisciense contemporânea. **Universidad de Guadalajara**, 2009. Disponível em: <http://www.estudiosjaliscienses.com/wp-content/uploads/2019/06/78-Acercamiento-a-la-dramaturgia-jalisciense-contemporanea.pdf>. Acesso em: 08 de set. de 2020.



GOMES, Hélder. Teatro do Absurdo. **E-Dicionário de Termos Literários**, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/teatro-do-absurdo/>. Acesso em: 2 de set. 2020.

MUÑOS, Alfredo Cerda. La actividad escénica em Guadalajara (México) 1920-1990. **Universidad Nacional de Educación a Distancia**, Madrid, 1999. Disponível em: <https://www2.uned.es/centro-investigacion-SELITEN@T/pdf/AlfredoCerda.pdf>. Acesso em: 2 de set. 2020.

TEATRO do Absurdo. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo13538/teatro-do-absurdo>. Acesso em: 14 de out. 2020.

VEGA, Iván González. Pandora y el Ruiseñor: a experimentar con un experimento. **Ágora Teatro GDL**, 2015. Disponível em: <http://agoragdl.com.mx/jalisco/pandora-y-el-ruisenor-a-experimentar-con-un-experimento/>. Acesso em: 08 de set. de 2020.

